

Três leituras recomendadas: *Vestido de Noiva* (peça), a poesia de Patativa do Assaré e *O Casamento Suspeitoso* (teatro-comédia):

## 1. O canto de Patativa do Assaré

### *Triste partida* (poema de Patativa do Assaré)

Meu Deus, meu Deus. . .

Setembro passou  
Outubro e Novembro  
Já tamo em Dezembro  
Meu Deus, que é de nós,  
Meu Deus, meu Deus  
Assim fala o pobre  
Do seco Nordeste  
Com medo da peste  
Da fome feroz  
Ai, ai, ai, ai

A treze do mês  
Ele fez experiência  
Perdeu sua crença  
Nas pedras de sal,  
Meu Deus, meu Deus  
Mas noutra esperança  
Com gosto se agarra  
Pensando na barra  
Do alegre Natal  
Ai, ai, ai, ai

## MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Rompeu-se o Natal  
Porém barra não veio  
O sol bem vermeio  
Nasceu muito além  
Meu Deus, meu Deus  
Na copa da mata  
Buzina a cigarra  
Ninguém vê a barra  
Pois a barra não tem  
Ai, ai, ai, ai

Sem chuva na terra  
Descamba Janeiro,  
Depois fevereiro  
E o mesmo verão  
Meu Deus, meu Deus  
Entonce o nortista  
Pensando consigo  
Diz: "isso é castigo  
não chove mais não"  
Ai, ai, ai, ai

Apela pra Março  
Que é o mês preferido  
Do santo querido  
Senhor São José  
Meu Deus, meu Deus  
Mas nada de chuva  
Tá tudo sem jeito  
Lhe foge do peito  
O resto da fé  
Ai, ai, ai, ai

## MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Agora pensando  
Ele segue outra tria  
Chamando a família  
Começa a dizer  
Meu Deus, meu Deus  
Eu vendo meu burro  
Meu jegue e o cavalo  
Nós vamos a São Paulo  
Viver ou morrer  
Ai, ai, ai, ai

Nós vamos a São Paulo  
Que a coisa tá feia  
Por terras alheia  
Nós vamos vagar  
Meu Deus, meu Deus  
Se o nosso destino  
Não for tão mesquinho  
Cá e pro mesmo cantinho  
Nós torna a voltar  
Ai, ai, ai, ai

E vende seu burro  
Jumento e o cavalo  
Inté mesmo o galo  
Venderam também  
Meu Deus, meu Deus  
Pois logo aparece  
Feliz fazendeiro  
Por pouco dinheiro  
Lhe compra o que tem  
Ai, ai, ai, ai

## MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Em um caminhão  
Ele joga a família  
Chegou o triste dia  
Já vai viajar  
Meu Deus, meu Deus  
A seca terrível  
Que tudo devora  
Lhe bota pra fora  
Da terra natá  
Ai, ai, ai, ai

O carro já corre  
No topo da serra  
Oiando pra terra  
Seu berço, seu lar  
Meu Deus, meu Deus  
Aquele nortista  
Partido de pena  
De longe acena  
Adeus meu lugar  
Ai, ai, ai, ai

No dia seguinte  
Já tudo enfiado  
E o carro embalado  
Veloz a correr  
Meu Deus, meu Deus  
Tão triste, coitado  
Falando saudoso  
Seu filho choroso  
Exclama a dizer  
Ai, ai, ai, ai

## MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

De pena e saudade  
Papai sei que morro  
Meu pobre cachorro  
Quem dá de comer?  
Meu Deus, meu Deus  
Já outro pergunta  
Mãezinha, e meu gato?  
Com fome, sem trato  
Mimi vai morrer  
Ai, ai, ai, ai

E a linda pequena  
Tremendo de medo  
"Mamãe, meus brinquedo  
Meu pé de fulô?"  
Meu Deus, meu Deus  
Meu pé de roseira  
Coitado, ele seca  
E minha boneca  
Também lá ficou  
Ai, ai, ai, ai

E assim vão deixando  
Com choro e gemido  
Do berço querido  
Céu lindo azul  
Meu Deus, meu Deus  
O pai, pesaroso  
Nos filho pensando  
E o carro rodando  
Na estrada do Sul  
Ai, ai, ai, ai

## MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Chegaram em São Paulo

Sem cobre quebrado

E o pobre acanhado

Procura um patrão

Meu Deus, meu Deus

Só vê cara estranha

De estranha gente

Tudo é diferente

Do caro torrão

Ai, ai, ai, ai

Trabaia dois ano,

Três ano e mais ano

E sempre nos prano

De um dia vortar

Meu Deus, meu Deus

Mas nunca ele pode

Só vive devendo

E assim vai sofrendo

É sofrer sem parar

Ai, ai, ai, ai

Se alguma notícia

Das banda do norte

Tem ele por sorte

O gosto de ouvir

Meu Deus, meu Deus

Lhe bate no peito

Saudade lhe molho

E as água nos óio

Começa a cair

Ai, ai, ai, ai

## MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Do mundo afastado  
Ali vive preso  
Sofrendo desprezo  
Devendo ao patrão  
Meu Deus, meu Deus  
O tempo rolando  
Vai dia e vem dia  
E aquela fãmia  
Não vorta mais não  
Ai, ai, ai, ai

Distante da terra  
Tão seca mas boa  
Exposto à garoa  
À lama e o paú  
Meu Deus, meu Deus  
Faz pena o nortista  
Tão forte, tão bravo  
Viver como escravo  
No Norte e no Sul  
Ai, ai, ai, ai



**Patativa do Assaré**, cujo nome oficial era Antônio Gonçalves da Silva, nasceu em Assaré, no Ceará, dia 5 de março do ano de 1909 e no mesmo lugar faleceu, a 8 de julho de 2002. Ele foi poeta, compositor, cantor, improvisador e músico. Criou versos nos moldes camonianos, forma clássica, e poesia com rima e métrica populares, a décima e a sextilha nordestina. Então, linguagem culta e linguagem caipira do dia-a-dia alternavam-se em poemas que ele separava nessa ordem (clássica e matuta).

*Aos poetas clássicos*

Poetas niversitário,  
Poetas de Cademia,  
De rico vocabularo  
Cheio de mitologia;  
Se a gente canta o que pensa,  
Eu quero pedir licença,  
Pois mesmo sem português  
Neste livrinho apresento  
O prazê e o sofrimento  
De um poeta camponês.

Eu nasci aqui no mato,  
Vivi sempre a trabaiá,  
Neste meu pobre recato,  
Eu não pude estudá.  
No verdô de minha idade,  
Só tive a felicidade  
De dá um pequeno insaio  
In dois livro do iscritô,  
O famoso professô  
Filisberto de Carvaio.

No premêro livro havia  
Belas figuras na capa,  
E no começo se lia:  
A pá — O dedo do Papa,  
Papa, pia, dedo, dado,  
Pua, o pote de melado,  
Dá-me o dado, a fera é má  
E tantas coisa bonita,  
Qui o meu coração parpita  
Quando eu pego a rescordá.

## MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Foi os livro de valô  
Mais maió que vi no mundo,  
Apenas daquele autô  
Li o premêro e o segundo;  
Mas, porém, esta leitura,  
Me tirô da treva escura,  
Mostrando o caminho certo,  
Bastante me protegeu;  
Eu juro que Jesus deu  
Sarvação a Filisberto.

Depois que os dois livro eu li,  
Fiquei me sintindo bem,  
E ôtras coisinha aprendi  
Sem tê lição de ninguém.  
Na minha pobre language,  
A minha lira servage  
Canto o que minha arma sente  
E o meu coração incerra,  
As coisa de minha terra  
E a vida de minha gente.

Poeta niversitaro,  
Poeta de cademia,  
De rico vocabularo  
Cheio de mitologia,  
Tarvez este meu livrinho  
Não vá recebê carinho,  
Nem lugio e nem istima,  
Mas garanto sê fié  
E não istruí papé  
Com poesia sem rima.

Cheio de rima e sintindo  
Quero iscrevê meu volume,

## MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Pra não ficá parecido  
Com a fulô sem perfume;  
A poesia sem rima,  
Bastante me disanima  
E alegria não me dá;  
Não tem sabô a leitura,  
Parece uma noite iscura  
Sem istrela e sem luá.

Se um dotô me perguntá  
Se o verso sem rima presta,  
Calado eu não vou ficá,  
A minha resposta é esta:  
Sem a rima, a poesia  
Perde arguma simpatia  
E uma parte do primô;  
Não merece munta parma,  
É como o corpo sem arma  
E o coração sem amô.

Meu caro amigo poeta,  
Qui faz poesia branca,  
Não me chame de pateta  
Por esta opinião franca.  
Nasci entre a natureza,  
Sempre adorando as beleza  
Das obra do Criadô,  
Uvindo o vento na serva  
E vendo no campo a reva  
Pintadinha de fulô.

Sou um caboco rocêro,  
Sem letra e sem istrução;  
O meu verso tem o chêro  
Da poêra do sertão;

## MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Vivo nesta solidade  
Bem distante da cidade  
Onde a ciência governa.  
Tudo meu é naturá,  
Não sou capaz de gostá  
Da poesia moderna.

Dêste jeito Deus me quis  
E assim eu me sinto bem;  
Me considero feliz  
Sem nunca invejá quem tem  
Profundo conhecimento.  
Ou ligêro como o vento  
Ou divagá como a lêsma,  
Tudo sofre a mesma prova,  
Vai batê na fria cova;  
Esta vida é sempre a mesma.

**Patativa Do Assaré** nasceu de agricultores pobres. Ficou cego de um olho (uma doença). Só aos 13 anos frequentou uma escola por poucos meses, mas logo começou a fazer *repentes* e mostrá-los nas feiras e festas. Aos vinte anos, ganhou o pseudônimo de Patativa (sua poesia foi comparada ao canto do pássaro). A característica maior dos seus **poemas** é a *oralidade* (apelo à voz, entonação, pausas, ritmo, linguagem corporal - o caráter performático deste artista incluía veemência, ironia, hesitação). Tinha-os na memória e os recitava mesmo com mais de noventa anos. No Crato, participou de programas de rádio declamando versos e José Arraes de Alencar publica em 1956 seu primeiro livro, *Inspiração Nordestina* (com acréscimos em 1967: *Cantos do Patativa*). Em 70 saiu *Patativa do Assaré: novos poemas comentados*. Em 1978, *Cante lá que eu canto cá*. Mais dois livros - *Ispinho e Fulô* e *Aqui tem coisa*, respectivamente de 1988 e 1994 - cimentaram sua glória.

**Cante lá, que eu canto cá**

Poeta, cantô de rua,  
Que na cidade nasceu,  
Cante a cidade que é sua,  
Que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo,  
Aqui, Deus me ensinou tudo,  
Sem de livro precisá  
Por favô, não mêxa aqui,  
Que eu também não mexo aí,  
Cante lá, que eu canto cá.

Você teve inducação,  
Aprendeu munta ciência,  
Mas das coisa do sertão  
Não tem boa esperiência.  
Nunca fez uma paioça,  
Nunca trabaiou na roça,  
Não pode conhecê bem,  
Pois nesta penosa vida,  
Só quem provou da comida  
Sabe o gosto que ela tem.

Pra gente cantá o sertão,  
Precisa nele morá,  
Tê armoço de feijão  
E a janta de mucunzá,  
Vivê pobre, sem dinhêro,  
Socado dentro do mato,  
De apragata currelepe,  
Pisando inriba do estrepe,  
Brocando a unha-de-gato.

Você é muito ditoso,  
Sabe lê, sabe escrevê,  
Pois vá cantando o seu gozo,  
Que eu canto meu padecê.

Inquanto a felicidade  
Você canta na cidade,  
Cá no sertão eu infrento  
A fome, a dô e a misera.

Pra sê poeta divera,  
Precisa tê sofrimento.

Sua rima, inda que seja  
Bordada de prata e de ôro,  
Para a gente sertaneja

## MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

É perdido este tesôro.  
Com o seu verso bem feito,  
Não canta o sertão direito,  
Porque você não conhece  
Nossa vida aperreada.  
E a dô só é bem cantada,  
Cantada por quem padece.  
  
Só canta o sertão direito,  
Com tudo quanto ele tem,  
Quem sempre correu estreito,  
Sem proteção de ninguém,  
Coberto de precisão  
Suportando a privação  
Com paciência de Jó,  
Puxando o cabo da inxada,  
Na quebrada e na chapada,  
Moiadinho de suó.

Amigo, não tenha quêxa,  
Veja que eu tenho razão  
Em lhe dizê que não mêxa  
Nas coisa do meu sertão.  
Pois, se não sabe o colega  
De quá manêra se pega  
Num ferro pra trabaiá,  
Por favô, não mêxa aqui,  
Que eu também não mêxo aí,  
Cante lá que eu canto cá.

Repare que a minha vida  
É deferente da sua.  
A sua rima pulida  
Nasceu no salão da rua.  
Já eu sou bem deferente,  
Meu verso é como a simente  
Que nasce inriba do chão;  
Não tenho estudo nem arte,  
A minha rima faz parte  
Das obra da criação.

Mas porém, eu não invejo  
O grande tesôro seu,  
Os livro do seu colejo,  
Onde você aprendeu.  
Pra gente aqui sê poeta  
E fazê rima completa,  
Não precisa professô;  
Basta vê no mês de maio,

## MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Um poema em cada gaio  
E um verso em cada fulô.  
Seu verso é uma mistura,  
É um tá sarapaté,  
Que quem tem pôca leitura  
Lê, mais não sabe o que é.  
Tem tanta coisa incantada,  
Tanta deusa, tanta fada,  
Tanto mistéro e condão  
E ôtros negoço impossible.  
Eu canto as coisa visive  
Do meu querido sertão.

Canto as fulô e os abróio  
Com todas coisa daqui:  
Pra toda parte que eu óio  
Vejo um verso se bulí.  
Se as vêz andando no vale  
Atrás de curá meus male  
Quero repará pra serra  
Assim que eu óio pra cima,  
Vejo um divule de rima  
Caindo inriba da terra.

Mas tudo é rima rastêra  
De fruita de jatobá,  
De fôia de gamelêra  
E fulô de trapiá,  
De canto de passarinho  
E da poêra do caminho,  
Quando a ventania vem,  
Pois você já tá ciente:  
Nossa vida é deferente  
E nosso verso também.

Repare que deferença  
Iziste na vida nossa:  
Inquanto eu tô na sentença,  
Trabaiando em minha roça,  
Você lá no seu descanso,  
Fuma o seu cigarro mando,  
Bem perfumado e sadio;  
Já eu, aqui tive a sorte  
De fumá cigarro forte  
Feito de paia de mio.

Você, vaidoso e facêro,  
Toda vez que qué fumá,  
Tira do bôrso um isquêro

## MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Do mais bonito metá.  
Eu que não posso com isso,  
Puxo por meu artifiço  
Arranjado por aqui,  
Feito de chifre de gado,  
Cheio de argodão queimado,  
Boa pedra e bom fuzí.

Sua vida é divirtida  
E a minha é grande pená.  
Só numa parte de vida  
Nóis dois samo bem iguá:  
É no dereito sagrado,  
Por Jesus abençoado  
Pra consolá nosso pranto,  
Conheço e não me confundo  
Da coisa mió do mundo  
Nóis goza do mesmo tanto.

Eu não posso lhe invejá  
Nem você invejá eu,  
O que Deus lhe deu por lá,  
Aqui Deus também me deu.  
Pois minha boa muié,  
Me estima com munta fé,  
Me abraça, beja e qué bem  
E ninguém pode negá  
Que das coisa naturá  
Tem ela o que a sua tem.

Aqui findo esta verdade  
Toda cheia de razão:  
Fique na sua cidade  
Que eu fico no meu sertão.  
Já lhe mostrei um ispeio,  
Já lhe dei grande conseio  
Que você deve tomá.  
Por favô, não mexa aqui,  
Que eu também não mêxo aí,  
Cante lá que eu canto cá.

## MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Patativa Do Assaré esposou Belinha e teve nove filhos. É incrível as imagens gravadas em filme e vídeo do amor dos dois. Os motes/glosas de Patativa são envolventes e excitantes. Vale a pena assistir ao documentário feito sobre eles. Dentre prêmios, títulos e homenagens foi nomeado *Doutor Honoris Causa*, mas era modesto e não teve intenção de fazer versos por profissão. Por isso, não deixou de ser agricultor e de morar no Cariri, sertão do Ceará.

Temas principais da sua obra: a problemática social, a terra sofrida em que nasceu, a religiosidade, a filosofia interpretada ao seu modo.

Vieses: o intenso lirismo, o humor irônico.

Outros livros: *Balceiro. Patativa e Outros Poetas de Assaré* (Org. com Geraldo Gonçalves de Alencar), *Cordéis* (caixa com 13 folhetos), Biblioteca de Cordel: *Patativa do Assaré* (Org. Sylvie Debs), *Digo e Não Peço Segredo* (Org. Guirlanda de Castro e Danielli de Bernardi), *Balceiro 2. Patativa e Outros Poetas de Assaré* (Org. Geraldo Gonçalves de Alencar), *Ao pé da mesa* (co-autoria com Geraldo Gonçalves de Alencar) *Antologia Poética* (Org. Gilmar de Carvalho).

## 2. Vestido de Noiva

A peça *Vestido de Noiva*, do pernambucano Nelson Rodrigues, acontece em três planos: alucinação, realidade e memória. A protagonista Alaíde era moça da sociedade carioca e foi atropelada. Os jornalistas correm para cobrir o fato e os médicos tentam salvá-la na mesa de operação. Ela está entre a vida e a morte.

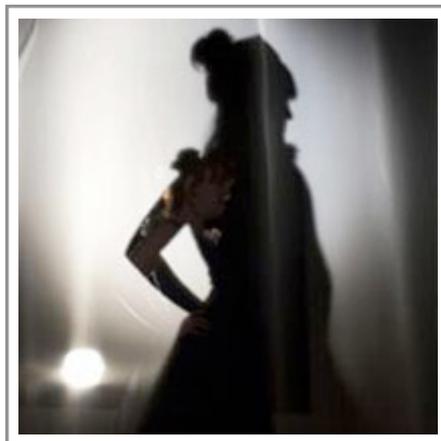


Foto de uma cena da montagem do texto pela companhia *Os Satyros* (São Paulo)

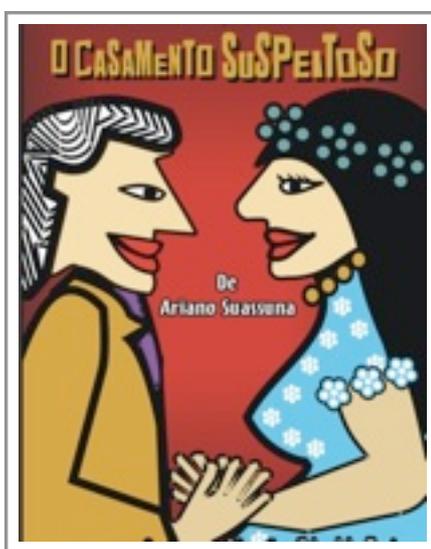
Na sua alucinação, Alaíde procura uma tal de Madame Clessi, uma mulher que teria sido assassinada no início do século XX, vestida de noiva, pelo seu namorado. Elas conversam. Aparece um homem que acusa Alaíde de ser também uma assassina. Alaíde confessa a Madame Clessi que assassinou o seu marido, Pedro, com um ferro (o assassinato de Pedro foi um sonho de Alaíde). No plano da realidade, os médicos tentam salvá-la, enquanto na alucinação Alaíde e Madame Clessi conversam. A primeira quer se lembrar do dia do casamento: Alaíde se preparava para a cerimônia. Há outra moça de véu: Lúcia, irmã de Alaíde, que diz que ela roubou o namorado dela. Os planos vão se fundindo: os médicos, os jornalistas, a história de Madame Clessi e seu namoro com o jovem rapaz que a matou. No meio disso tudo: Alaíde no dia do seu casamento com Pedro e a discussão com Lúcia minutos antes da cerimônia. O casamento acontece e Alaíde se vê vítima de uma conspiração entre Lúcia e Pedro, que pretendem matá-la (para ficarem unirem novamente). Alaíde assiste (com Madame Clessi!) às cenas do seu enterro e de sua discussão com Lúcia pouco antes do atropelamento. Nesse momento ela jura que mesmo morta não a deixaria ficar com Pedro. Mas Lúcia se casa com Pedro, apesar de guardar como um fantasma em sua memória a imagem de Alaíde vestida de noiva.

Essa peça foi montada por um diretor polonês (Ziembinski) no Brasil no início dos anos 40 do século passado e elevou Nelson à categoria de gênio (muitas vezes incompreendido e taxado de tarado). A encenação que relevava o transe psicológico da peça usou recursos modernos e foi apresentada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

### 3. O Casamento Suspeitoso

O espetáculo, mais um texto de Ariano Suassuna que não resistiria a uma boa análise ideológica, é uma comédia que exhibe as confusões de um, assim chamado, “casamento suspeito”: uma moça de comportamento “duvidável” chega da cidade do Recife ao interior da Paraíba e deseja casar-se (o mais rápido possível!) com o filho único de uma rica família de Taperoá.

Esse jovem apaixonado contará com a ajuda de seus leais amigos para tentar escapar das garras da casamenteira. É o combate da “esperteza” urbana contra a “astúcia” dos interioranos.



Temos novamente o “universo nordestino” em forma de caricatura, recheado com o “bom humor”, a visão do intelectual classe média de raiz oligárquica que é o nosso querido Ariano, tratando com sucesso cênico das cenas e tipos na sua interpretação animada do sofrido e contraditório (como quase tudo na vida) Nordeste.

Trata-se de uma comédia de costumes onde vemos a “crítica” ao interesse pelo dinheiro associado ao matrimônio.

O pretendido “noivo” é envolvido nas tramas de Lúcia, que seria sua “futura esposa”, que se juntou com a própria mãe (Suzana) e o amante (Roberto Flávio) para armar um “golpe do baú”. Porém, a futura “sogra” Dona Guida, mãe de Roberto Flávio, começa a desconfiar da “compostura” da “moça” que chegou para “casar” com o seu querido filho.

Cismada de que ali havia um golpe, a mãe do “noivo” vai se juntar com os conta com a ajuda dos empregados e tentar impedir que o casamento se realize.

## MOISÉS NETO - ESTUDOS LITERÁRIOS: TRÊS LEITURAS RECOMENDADAS

Os personagens Cancão e Gaspar retomam uma tradição do “teatro popular” formando “a dupla circense” que o “ povo”, com seu “instinto certo”, chamaria “admiravelmente” de *o Palhaço e o Besta*”, segundo o próprio Ariano. Há traços do bumba-meu-boi e também uma ligação com os empregados astuciosos e independentes de Molière e da *Commedia dell`arte*.

A ironia de Suassuna, ao inverter problematicamente os padrões sociais, esvazia o conteúdo de dominação e opressão social.

O final feliz é completamente cômico, claro.

O *Casamento Suspeitoso* retrata, ao seu modo, uma sociedade marcada pelo esnobismo e a difamação. A platéia é induzida a optar pelos mais simples, embora a linguagem de Suassuna deixe mais ou menos clara as relações do capital com seus “agentes”, mesmo que se trate do interior do Nordeste no meio do século XX.

Há que se apreciar as construções frasais, o ritmo, as estratégias e a arquitetura cênicas do mestre Ariano Suassuna.